



Novembro 2020

Por que estou lendo a fenomenologia de Husserl em minha pesquisa?

Depois de ter lido *À l'écoute* (2002), de Jean-Luc Nancy, e tendo visto várias referências a Husserl — especialmente no que concerne a crítica movida por Derrida a respeito do fato de que Husserl não conseguiria sair da visão, mesmo discorrendo sobre o som —, julguei necessário ler sobre a fenomenologia, de Husserl. O texto fichado, *A ideia de fenomenologia* (1913), é composto pelas notas feitas para cinco lições. As três primeiras são introdutórias ao tema da fenomenologia, tentando enquadrá-lo, e também abrangem as críticas às formas comuns de abordar a questão na época de atuação do estudioso. Contudo, é nas últimas duas lições que o filósofo afirma com mais clareza o seu entendimento da fenomenologia.

Depois de ter abordado bastante em pesquisas anteriores o tema da fenomenologia a partir da visão de Merleau-Ponty, me dei conta de que também era necessário ir mais a fundo, ou seja, não tem como compreender e usar apropriadamente cem por cento dos conceitos de Merleau-Ponty sem ler as fontes anteriores sobre o tema, ou seja, Husserl (e futuramente Heidegger). Portanto, serão compiladas também algumas datas que vão permitir comparar mais adequadamente as abordagens de Husserl e de Merleau-Ponty, além de algumas diferenças conceituais mais relevantes entre os dois. Com relação à pesquisa atual, a questão da percepção continua sendo fundamental, porque no presente momento também estou estudando *A phenomenology of noise* (2018), de Cecile Malaspina, com a intenção de traçar uma trajetória sobre a percepção, a fim de entender melhor como as produções sonoras se relacionam a percepções diferenciadas, e como os procedimentos de criação contemporâneos literários e plásticos, que envolvem a sonoridade, podem remeter a uma dimensão diferente da percepção, na qual não sobrevivem as atuais formas de concepção e divisão do sentir e do saber ocidental.

Resumindo algumas ideias da fenomenologia de Husserl

Poderíamos resumir o conteúdo da ideia de fenomenologia de Husserl a partir de algumas palavras/expressões chave: *consciência significante*, *essência*, *retorno às coisas mesmas*, *conhecimento transcendental* e *coisas intencionadas*.

Tentando resumir brevemente a ideia de fenomenologia de Husserl, poderíamos dizer que esta, como prática de entendimento do mecanismo de formação de conhecimento do mundo (da experiência do mundo – *Erlebnis*), baseia-se na ideia de que a consciência significante, ou seja, a que produz significados, se relaciona às coisas, aos fenômenos, aos objetos de sua observação, dando-lhes intenção. Ainda admitindo que

exista uma forma empírica das coisas, fenômenos e objetos do mundo se apresentarem, esse não seria o único elemento a ser considerado na produção de sentido, assim como fazem os empiristas, pois esse material derivante da relação empírica com os objetos passa por uma intenção da consciência significativa, a qual, a partir da imagem empírica, pensa e repensa essa experiência relacional com o objeto até chegar à sua essência. Essa essência, que seria *o conhecimento das coisas como elas são*, se comporia então da junção das manifestações empíricas do objeto considerado, que são, porém, também sujeitas a um trabalho/esforço da consciência. Essa forma fenomenológica de construção e produção de sentido das coisas se afastaria tanto do idealismo — que faz das coisas uma pura ficção — quanto do realismo — que faz do sujeito que recebe a mensagem uma pura ilusão —, visando alcançar as coisas através do esforço da consciência que recebe em si, criando um tipo de conhecimento dito transcendental.

Um outro aspecto que parece ser importante para Husserl é como, a partir da observação particular dos fenômenos e objetos submetidos ao esforço da nossa consciência, podem ser retirados conceitos ou caracteres universais relativos à espécie dos fenômenos e objetos considerados. Ou seja, através do esforço da consciência significativa na relação com os objetos intencionados é possível, através da observação particular, definir tipos de conhecimento universalmente válidos, porque estes dizem respeito à essência das coisas, ou seja, às coisas como elas são.

As diferenças entre Husserl e Merleau-Ponty

Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) publica *A fenomenologia da percepção* em 1945, exatamente 32 anos depois de Husserl ter publicado *A ideia de fenomenologia* (1913). O que me parece substancialmente diferente em Merleau-Ponty e, portanto, mais interessante num processo de desconstrução do sujeito como agregador de conhecimento e produtor de sentidos, é a ideia de que na produção do conhecimento do mundo intervêm o sujeito que observa, as coisas observadas, as formas como essas estão inseridas no mundo e o próprio mundo, os fatores contextuais e todos os elementos visuais, sonoros e prospectivos que se dão no momento da observação. Isso portanto faria com que a consciência da qual tanto fala Husserl não seria o elemento central dessa construção de sentido, ainda que a perspectiva husserliana indique algum avanço com relação a uma visão puramente empirista/positivista que, ao contrário, cancela completamente o sujeito. O fato de a produção de sentido no conhecimento das coisas do mundo ser influenciada pelo mundo no qual elas estão inseridas — lembremos que as coisas do mundo estão no mundo, o qual tem determinados fatores circunstanciais no exato momento da percepção — significa também que não seria possível afirmar tipos de conhecimentos “essencialistas”, pois as coisas se apresentam de uma determinada forma, baseadas em onde elas estão e nos fatores condicionantes da percepção. Então, enquanto Husserl assume o sujeito cartesiano, reelaborando-o em termos de consciência, e confere também algum valor à maneira como as coisas aparecem (a forma empírica), ainda que não seja esta última central, Merleau-Ponty começa a desconstruir muito mais o dualismo do sujeito

cartesiano, introduzindo a fragmentariedade da percepção e a não universalidade do trabalho de conhecimento produzido pelo sujeito operante na produção de sentido.

🌀 Edmund Husserl (1859-1938).

Livro fichado:

HUSSERL, Edmund. *La idea de fenomenologia*. Traducción de Miguel Garcia-Báro. España: Fondo de Cultura económica México-Madrid-Buenos Aires, 1982 [1913].

Link para acessar a versão usada para o fichamento:

<https://www.dropbox.com/s/3e2iulouvmw1djs/Edmund%20Husserl%20-%20La%20Idea%20de%20la%20Fenomenologia%20%281982%29.pdf?dl=0>

Link para acessar o texto na língua original (alemão):

<https://meiner-elibrary.de/media/upload/leseprobe/9783787306855.pdf>

Material de acompanhamento ao estudo:

Videografia de aprofundamento (diretamente ligada a Husserl ou a assuntos relacionados):

1ª. Semana Acadêmica de Psicologia e Fenomenologia da PUC/SP Abertura: História da Fenomenologia na PUC/SP Data: 27 de novembro de 2017

https://www.youtube.com/watch?v=YGDxI_3cYeg

Academic Educational Materials – *Understanding Phenomenology*

<https://www.youtube.com/watch?v=d5geMLe5tbM>

School of life – *Martin Heidegger*

<https://www.youtube.com/watch?v=Br1sGrA7XTU>

Curso de introdução à fenomenologia, por Nichan Dichtchekenian (parte 1 e parte 2):

https://www.youtube.com/watch?v=u_A0-xxbogE

<https://www.youtube.com/watch?v=fm6e1UWtJms>

Philocast – Was is Phänomenologie

https://www.youtube.com/watch?v=6oBmXU_gc6Q

Notas:

AA. VV. *Enciclopedia Garzanti di Filosofia e epistemologia, logica formale, linguistica, psicologia, psicoanalisi, pedagogia, antropologia culturale, teologia, religioni, sociologia*. Italia: Garzanti, 1981.

O termo fenomenologia remonta à Lambert (1764): ele postula a doutrina da verdade (*alethiologia*), a qual segue a doutrina da aparência (*fenomenologia*) → descobrir as causas objetivas e subjetivas do caráter ilusório dos objetos da sensibilidade (fenômenos).

Kant usa o termo fenomenologia nos primeiros escritos metafísicos da ciência da natureza.

Em 1807, Hegel retomou o conceito formulado por Kant e Lambert de uma forma mais ampla e nova. A fenomenologia para ele é a "ciência da experiência da consciência", ou seja, o caminho da consciência natural, a qual se movimenta em direção ao saber.

A fenomenologia mostra, portanto, o "devir da ciência em geral ou do saber" como caminho da alma que percorre as figuras da consciência como etapas prescritas da sua natureza para que se aclare o espírito, e através da experiência plena de si, alcançar o conhecimento daquilo que ela é em si e por si (saber absoluto). Fenômenos hegelianos não são aparências do conhecimento sensível, mas manifestações históricas do saber humano.

Husserl: ideia de fenomenologia nasce da polêmica entre logicistas (Frege) e psicologistas (Brentano) sobre a natureza dos conceitos lógico-matemáticos.

Brentano e psicologistas: redução de cada conceito à ação intencional da psique; cada ato psíquico é sempre consciência de alguma coisa; a forma como a consciência se direciona aos objetos e "os intenciona".

Frege: rejeitou essa redução da lógica à psicologia, porque esta noção confundia a gênese psíquica de um conceito com a sua natureza universal e sua forma, que não é psíquica.

Husserl também rejeitou o psicologismo, mas colocou a questão de "trazer as ideias lógicas, os conceitos e as leis à clareza e distinção do ponto de vista gnosiológico".

Os conceitos lógicos se originam de intuições, da experiência vivida (*Erlebnis*), sem negar sua natureza ideal e universal. É necessário instituir uma fenomenologia das experiências lógicas que, no lugar de colocar de forma ingênua, como existentes, os objetos intencionais no seu sentido (como os psicologistas), em vez de determiná-los e assumi-los como hipóteses, de extrair consequências, como fazem os lógicos puros, Husserl se propõe a refletir, tornando objetos os próprios atos intencionais e seu conteúdo imanente.

Husserl define a fenomenologia como um “retorno às coisas”, e estas são os fenômenos não como aparências contrapostas a coisas hipotéticas em si, mas como manifestações originárias da realidade na consciência.

A fenomenologia tenta captar o fenômeno como ele se dá, para captar a forma ou a essência.

Procedimento fenomenológico exige uma redução eidética preliminar.¹ Cada julgamento comum é suspenso, cada teoria deixada de lado, para que o fenômeno possa emergir na sua genuinidade essencial. A fenomenologia se propõe como ciência rigorosa e ciência primeira em oposição ao naturalismo ingênuo das ciências naturais e positivistas (como a psicologia), ao formalismo abstrato da lógica, ao relativismo histórico e às filosofias de visão do mundo.

A fenomenologia: ciência das essências e não dos dados de fato, seu fundamento último e cartesiano se aloca na atividade originária **da consciência**.



Resíduo fenomenológico, lugar de origem de todos os sentidos possíveis do mundo, ao qual a fenomenologia deve olhar como território privilegiado das suas descrições.

Para citar essas notas de estudo use:

[CAPUTO, Irma. Estudo de pesquisa de pós-doutorado “Da escrita para a *phoné*: estudo comparado da produção literária e da obra plástica de Nuno Ramos”. Supervisão de Paulo Henriques Britto. Fomento Faperj: Rio de Janeiro, 2021].



Attribution-NonCommercial, NoDerivatives 4.0 International

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Cuarta Leccion

¹ Eidético: etimo. Dal gr. Eidētikós, der. Di eídesis “conoscenza” /Data sec XX. 1. FILOS. Che concerne l’attività conoscitiva sul piano logico-intellettuale; termine caratteristico della fenomenologia di Husserl in cui si contrappone a empirico, relativo ai dati di fatto. Es. Intuizione eidetica. Locuzione: scienze eidetiche. Nella terminologia fenomenologica, quelle come la logica e la matematica, che hanno come oggetto le relazioni tra forme ideali e non semplici dati dell’esperienza. 2. PSIC. Che riguarda la facoltà mnemonica fondata sulla percezione visiva. Locuzione: immagine eidetica – eidetismo.

Si nos limitamos a la mera fenomenología del conocimiento, trátase en ella de la esencia del conocimiento, mostrable de modo directo e intuitivo; es decir, de una mostración intuitiva y una separación analítica de las múltiples especies de fenómenos que abarca la amplia rúbrica de "conocimiento": y ambas, la mostración y la separación, en el marco de la reducción fenomenológica y del darse el objeto mismo. La cuestión es: qué se encuentra en estos fenómenos y qué se basa esencialmente sobre ellos; de qué factores constan; qué

posibilidades de complejión fundan (siempre por esencia y de modo puramente inmanente); y qué relaciones genéricas toman de aquí su origen.

Y no se trata únicamente de lo inmanente como ingrediente, sino también de lo inmanente en el sentido intencional. Las vivencias cognoscitivas – esto es cosa que pertenece a su esencia – tienen una *intentio*; mientan algo; se refieren, de uno u otro modo, a un objeto. Pertenece a ellas el referirse a un objeto, aunque el objeto no pertenece a ellas. (HUSSERL, 1982, p. 67)

/La mira está puesta en las "fuentes del conocimiento"; en los orígenes, que hay que intuir genéricamente; en los datos absolutos genéricos, que constituyen las medidas fundamentales y universales con que hay que medir todo sentido – y, también, en consecuencia, el derecho – del pensar confuso; y que son aquello con que únicamente pueden resolverse todos los enigmas que este pensar plantea en lo que hace a su objeto. (HUSSERL, 1982, p. 68).

Por tanto, los menos posible de entendimiento, pero lo más posible de intuición pura. *Intuitio sine comprehensione*. Nos viene, en efecto, a la memoria el lenguaje de los místicos cuando describen la intuición intelectual, que no es ningún saber de entendimiento. Y todo el arte consiste en dejar la palabra puramente al ojo que ve y desconectar el mentar que, entreverado al ver, trasciende; desconectar el supuesto tener dado a la vez, lo pensado a la vez y, eventualmente, lo que es una interpretación introducida por una reflexión que se sobreañade. La constante pregunta es: esto que se mienta, / ¿está dado en el auténtico sentido, se ve y capta en el sentido más estricto: o la mención va más allá? (HUSSERL, 1982, p. 77).

Hay múltiples modos de objeto y, con ellos, múltiples modos del llamado "darse los objetos"; y quizá el darse del ser en el sentido de la llamada "percepción interna" y, a su vez, también, el darse del ser de la ciencia natural y objetivadora no son sino algunos entre los modos de darse, mientras que los otros, aunque calificados de no existente, son también modos de darse, y sólo porque lo son pueden contraponerse a aquéllos y ser diferenciados de ellos en la evidencia. (HUSSERL, 1982, p. 78).

El hecho de que el sonido percibido, a una con su intensidad, su cualidad, etc. exista en cierto sentido, y que el sonido de la fantasía (digamos, directamente, "el sonido fingido")

no exista; el hecho de que el uno esté genuinamente presente con evidencia, y el otro no; el hecho de que, en el (...)

(...) No lo pongo, por ello, como una existencia física o psíquica; tampoco lo pongo como existencia en el sentido de una auténtica *cogitatio*, pues ésta es un ahora ingrediente, un dato que está evidentemente caracterizado como dato ahora. /El que el color de la fantasía no este dado ni en el uno ni en el otro sentido no significa, sin embargo, que no lo este en ninguno. Aparece, y aparece él mismo; se expone a sí mismo; viéndolo en su hacerse

presente, puedo yo juzgar acerca de él, acerca de las partes no-independientes que lo constituyen y del nexo entre ellas. Naturalmente, también ellas están dadas en el mismo sentido, y, en el mismo sentido, no están existiendo "efectivamente" en la vivencia total de fantasía, no están presentes como ingredientes, sino que sólo están "representadas". El juicio de fantasía puro, que expresa meramente el *contenido*, la esencia singular de lo que aparece, puede decir: "Esto es de tal índole, contiene tales partes no-independientes, varia de tal y tal modo", sin juzgar en lo más mínimo sobre existencia como efectivo ser en el tempo efectivo, sobre efectivos ser-ahora, ser-pasado, ser-futuro. Así que podríamos decir que se juzga sobre la esencia individual, y no sobre la existencia. Precisamente por ello, el juicio genérico de esencias – que solemos llamar simplemente juicio de esencias – es independiente de la diferencia entre percepción y fantasía. La percepción pone existencia, pero tiene también una esencia; el contenido puesto como existente puede ser el mismo en la representación.

Pero la contraposición de *existencia* y esencia, ¿qué puede querer decir, sino que dan aquí noticia de sí dos modos de ser en dos modos del darse ellos mismos, y que hay que distinguirlos? (HUSSERL, 1982, pp. 83-84).

¿No se lleva a cabo en cierto modo, en cada representación y en cada juicio, un darse algo? ¿No es todo objeto, en tanto que es intuido, representado, pensado de tal o tal otro modo, un dato, y un dato evidente? En la percepción de una cosa exterior, la cosa (por ejemplo, una casa que está ante nuestra vista) se dice, justamente, percibida. Esta casa es una transcendencia, y sucumbe, en lo que hace a su existencia, a la reducción fenomenológica. Está dado de modo efectivamente evidente el aparece la casa, esta *cogitatio* que emerge en el río de la conciencia y pasa en él. En este fenómeno de la casa encontramos un fenómeno de rojo, un fenómeno de rojo, un fenómeno de extensión, etc. Estos son datos evidentes. Pero ¿no es acaso también evidente que en el fenómeno de la casa aparece precisamente una casa, por la cual justamente se llama aquél una percepción de una casa? Y no únicamente una casa en general, sino exactamente esta casa, determinada así y así y que aparece en esa tal determinación. (HUSSERL, 1982, pp. 85-86).

Sólo en el conocimiento puede estudiarse la esencia del objeto en general según todas sus configuraciones fundamentales; sólo en él está dada; sólo en él puede verse con evidencia. Este *ver evidente* es él mismo el conocimiento *en el sentido más pleno*; y el objeto no es una cosa que este dentro del conocimiento como en un saco, como si el

conocimiento fuera una forma vacía siempre igual, uno y el mismo saco vacío, dentro del cual unas veces está metido esto y otras veces lo está /lo de más allá. Sino que vemos en el darse el objeto se constituye en el conocimiento; que cuantas configuraciones fundamentales del objeto hay que separar, tantas son también las de los actos cognoscitivos que dan y los grupos y nexos de actos cognoscitivos que ha que distinguir. Y los actos de conocimiento, más ampliamente, los actos intelectuales en general no son singularidades inconexas que viene y van sin nexo en el río de la consciencia. Referidas esencialmente las unas a las otras, muestran correspondencias teleológicas y respectivos

nexos de cumplimiento, confirmación, verificación y sus opuestos. Y los que importante son estos nexos, que exponen la unidad propia del entendimiento. Ellos mismos son constituidores de objetos, (...) (HUSSERL, 1982, p. 89).

(...)

Y sólo en estos nexos, y no de un golpe, sino en un proceso ascendente, se constituye el objeto de la ciencia objetiva, sobre todo, el objeto del ser tempo-espacial real. (HUSSERL, 1982, p. 89).

El problema originario fue la relación entre la vivencia subjetivamente psicológica y el ser en sí captado en ella (primeramente, el ser real y, luego, también los entes matemáticos y los demás entes ideales). (HUSSERL, 1982, p. 90).

(...) el conocimiento de la *cogitatio* es inmanente; el conocimiento en las ciencias objetivas – en las ciencias de la naturaleza y en las del espíritu, mas también, considerado de cerca en las ciencias matemáticas – es transcendente. (HUSSERL, 1982, p. 93-94).

El conocimiento de lo universal es algo singular; es siempre un instante en la corriente de la conciencia. Pero lo universal mismo que está ahí dado en la evidencia no es cosa alguna singular sino precisamente, un universal y, por tanto, algo transcendente en el sentido de no-ingrediente. (HUSSERL, 1982, p. 99).

(...) el fenómeno de la percepción de un sonido – de la percepción evidente y reducida – exige distinguir dentro de la inmanencia entre el fenómeno y lo que aparece. Luego tenemos dos datos absolutos: el dato del fenómeno y el dato del objeto, y el objeto, dentro de esta inmanencia, no es inmanente en el sentido de ingrediente, no es un fragmento del fenómeno. En efecto, las fases pasadas de la duración del sonido son todavía ahora objeto y, sin embargo, no están contenidas como ingredientes en el punto del ahora del fenómeno. Luego también en el fenómeno de la percepción encontramos lo mismo que encontrábamos en la conciencia de lo universal, esto es, que era una conciencia que constituye un dato que se da en sí mismo que no está contenido en lo ingrediente y que en modo alguno puede encontrar-se como *cogitatio*. (HUSSERL, 1982, pp. 102-103)